

TRANSFORMAÇÕES NA DINÂMICA URBANA DO BAIRRO DE TEJIPIÓ NA CIDADE DO RECIFE: analisando as modificações da funcionalidade de um lugar.

Introdução

As marcas e modificações dos processos de trabalho, hábitos de consumo, configurações geográficas e geopolíticas no final do século XX no mundo ocidental são expressivas. Segundo Harvey (1998, p.117), vivemos numa sociedade em que a produção em função de lucros é o princípio básico organizador da vida econômica. Para Abramo (1993), seria a transição que o urbano desempenha nas características das relações sociais de produção os mecanismos necessários para reprodução. Nesse contexto, pode-se dizer que no processo urbano existem vários condicionantes, não havendo apenas um único processo.

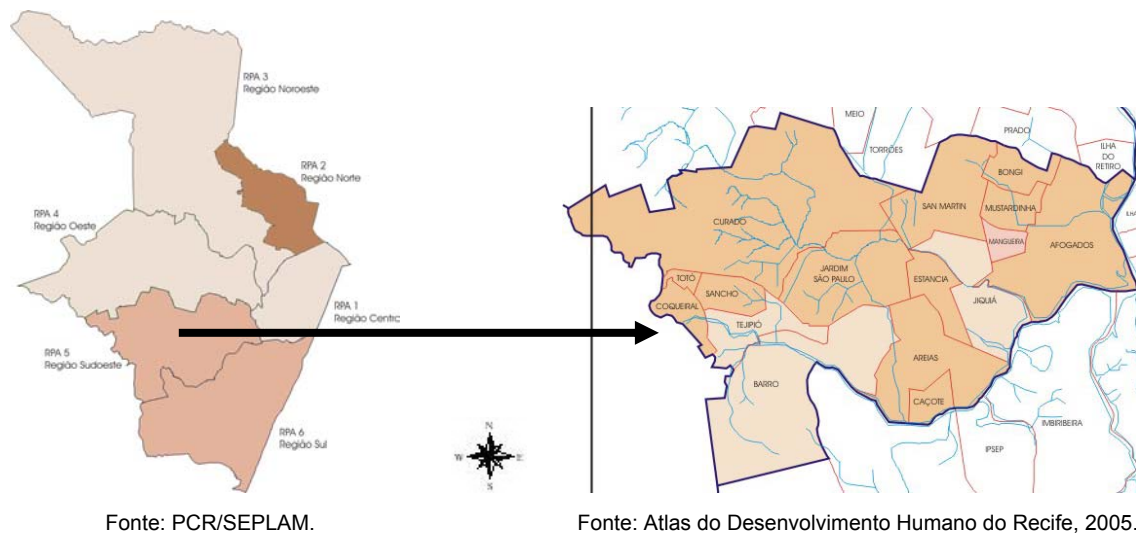
Em sua obra “*O Direito à Cidade*”, Lefebvre descreve a importância das relações sociais no processo de produção capitalista, retomando esse sentido de pluralidade na urbanização, sendo entendida como crescimento na reprodução das relações sociais. É neste nível em que o espaço e o tempo dos habitantes tomam forma e sentido no espaço urbano. A possibilidade de intervir no espaço, modificar a identidade natural, tendo como fator condicionante o produto das relações sociais, absorve a este recorte espacial a condição de lugar, passando a ser resultado da intervenção individual e coletiva, devido a atitudes que complementam a paisagem.

Tais transformações e seus entendimentos como *locus* das organizações das práticas sociais e das lutas de seus usuários, é o ponto de partida para percepção de conflitos existentes no lugar? Foram as contribuições antrópicas, geradoras de impactos ambientais no modelado do Recife, fator determinante para expansão da cidade? É objetivo deste estudo refletir dentro da dinâmica urbana na cidade do Recife, mas especificamente na Microrregião 5.3 da RPA5¹ (ver figura 1) as transformações urbanas em um

¹ A cidade do Recife é subdividida por Regiões Política Administrativa (RPA) que por sua vez dividem em Microrregiões, no total são 6 RPA's. Cada RPA do Recife, visa a definição das intervenções municipais em nível local e articulação com a população, como afirma os dados do Atlas de Desenvolvimento Humano do Recife. A RPA5 está subdividida em 3 microrregiões e compreende 16 bairros: Microrregião 5.1 – Afogados, Bongí, Mangueira, Mustardinha e San Martim; Microrregião 5.2 – Areias, Caçote, Estância e Jiquiá; Microrregião 5.3 – Barro, Coqueiral, Curado, Jardim São Paulo, Sancho, Totó e Tejipló. (Atlas de Desenvolvimento Humano do Recife de 2000).

recorte temporal do Século XX, tendo maior abrangência na segunda metade deste mesmo século até os dias atuais. Sendo importante destacar desde já que ao longo do tempo a fisionomia e o traçado da cidade do Recife foram influenciados tanto pelas ações humanas quanto pela disposição natural que a cidade se formou, essas influências refletem no atual espaço urbano recifense, conforme os dados do Atlas do Desenvolvimento Humano do Recife de 2005.

Figura 1: Mapa da localização das RPA's do Recife e da RPA5 com seus bairros.



Analisando o contexto histórico do Recife no século XVII, o plano urbanístico da cidade define-se pela forma geométrica, com obras de hidráulica e saneamento. Para a época, segundo Baltar (2000), esse plano constitui um trabalho que reflete o pensamento urbano europeu trazido por Pieter Post. A expansão dependeu da apropriação dos alagados e dos rios, sem esquecer da implantação de fortificações que garantiram a disposição militar no terreno.

Nas áreas mais continentais, os cursos d'água diminuem, mas se fazem presentes através dos pântanos e mangues que possibilitam a formação de terraços mais firmes, segundo Bitoun (2000) é onde surge a abertura das ruas e ampliação da área urbana, que outrora já abrigaram nesses mesmos espaços, precárias habitações do tipo mocambos² que surgiram no século XX,

² Jan Bitoun (2000), afirma que o termo "mocambo" foi sendo substituído paulatinamente pelo uso da palavra "favela" importada do Rio de Janeiro. Em Recife, o termo generalizado pelos urbanistas mascaram as grandes diferenças de tipologias construtivas em lugares pobres, onde o uso da palavra é restrito aos aglomerados de barracos de tábuas, plástico, zinco, que são lugares estigmatizados de pobreza extrema.

servindo de abrigos a muitos retirantes vindos do interior, aos desempregados e aos trabalhadores pobres da cidade. O autor, também, ressalta que esse foi mais um passo para intensificar o aterro dos manguezais e reduzir as áreas ocupadas pelos mocambos, tornando outra problemática evidente, o processo de deslocamento dos moradores que avançaram aos morros, ladeiras e córregos, dando uma nova característica à cidade, denominada de favelização.

Além das direções Norte e Sul, a expansão do Recife resulta da antiga localização dos engenhos de açúcar espalhados nas várzeas dos rios da planície, que segundo Melo (1978) ao longo do tempo passou a ser povoados e ligados entre si e com o resto da cidade, num processo de transformação do rural em urbano.

A divisão do trabalho³ é primariamente percebida através da relação dicotômica entre a cidade e o campo pois evidencia tipos diferenciados do uso do solo e uma série de trabalhos específicos que individualizam essas duas áreas. Essa condição é inscrita por alguns teóricos como o elemento fundamental da distinção dos papéis desempenhados nos processos produtivos do espaço. Lefebvre (1991) descreve a relação campo – cidade, através de sua funcionalidade, enquanto o campo permanece com o principal objetivo de produzir alimento, a cidade é eminentemente o *locus* do trabalho intelectual.

A ocupação dos aterros e dos morros recifenses.

A cidade do Recife expande-se pela formação aluvional como retrata Melo (1958), tendo como limites a costa marítima cercada pelos arrecifes areníticos, a Oeste pelo então município de Camaragibe e São Lourenço da Mata pertencentes à RMR⁴ (Região Metropolitana do Recife), ao Norte pelas encostas de colinas do Varadouro em Olinda e ao Sul pelas colinas de Prazeres em Jaboatão dos Guararapes.

³ A divisão do trabalho e a relação Campo-cidade (Sociedade X Natureza) aqui utilizado, é reflexo da discursão no texto de Lefebvre em "O Direito à Cidade", 1991.

⁴ RMR – Região Metropolitana do Recife, composta por 14 municípios: Abreu e Lima, Araçoiaba, Cabo de Santo Agostinho, Camaragibe, Igarassu, Ilha de Itamaracá, Ipojuca, Itapissuma, Jaboatão dos Guararapes, Moreno, Olinda, Paulista, Recife e São Lourenço da Mata.

Em sua paisagem natural o Recife e suas terras “tipicamente salobras”, descritas por Lins (1987), onde a vegetação de mangue encontra condições favoráveis, tanto quanto em outras partes da faixa equatorial e tropical, adaptando-se aos solos típicos de áreas alagadas provenientes do encontro das águas dos rios e do mar. Tendo um papel importante na formação geológica da planície do Recife, com suas raízes suspensas formam um sistema radicular, na qual se acumula detritos orgânicos que são trazidos pelos rios e sedimentados junto à foz, havendo então o assoreamento da planície, devido à ação conjunta dos cursos d’água. Além da participação do homem na realização de aterros e drenagem na expansão da cidade, foram construídas moradias sobre o solo frouxo, ampliando a área de ocupação urbana em terras alagadas e de domínio das marés.

A dinâmica de ocupação do Recife não se afastou do caminho traçado por algumas cidades brasileiras no século passado. Na década de 30, não havia estrutura adequada para seus moradores, um contraste quando se tem o mais bem equipado porto do país e um processo industrial crescente na região. Mesmo assim, na década de 50, o Recife continuava atrativo, muitos abandonaram o interior do Estado em busca de novas oportunidades, mas a economia não absorvia toda mão-de-obra e muitos não conseguiam lugar para morar, desde então começaram a construir nos subúrbios seus mocambos, nas áreas de morros e nos alagados da cidade.

O geógrafo e historiador Manuel Correia de Andrade (1979, p. 88), analisa a evolução dos aglomerados do Recife, com o surgimento das casas de residência do tipo arrabaldes, na primeira metade do século XIX, outrora ocupados pelos engenhos. Os arrabaldes (Figura 2) além da área destinada ao cultivo de fruteiras, e de facilidades como abastecimento d’água, estavam em localização geralmente privilegiada ao desenvolvimento dos transportes terrestres coletivos. Andrade (1979 p. 89) assegura que o crescimento dos arrabaldes está associado à evolução do sistema de transporte urbano, uma vez que na primeira metade do século XIX alguns povoados tiveram um expressivo crescimento populacional, gerando uma intensificação dos fluxos para a cidade, que necessitava de um sistema de transporte regular e coletivo.

No início do século XX, os arrabaldes foram se expandindo, ocupando áreas menores e expulsando as atividades rurais. Posteriormente, o

desenvolvimento dos transportes, estimulado pela dinâmica urbana, tornou-se desfavorável a economia que cedeu espaço e terras a loteamentos e aberturas de novas ruas e caminhos em direções diversas, formando povoações que originaram alguns bairros do Recife.



Figura 2: arrabalde no Recife no século XIX. Fonte: acervo do museu do Recife.

Bitoun (2000), mostra que no vocabulário urbano, houve o desaparecimento da palavra arrabalde e a substituição paulatina por bairro.

Escala de progresso, esta última designação assume uma conotação positiva: mais do que uma delimitação precisa, o “bairro” retrata um status adquirido a partir de uma origem (o engenho ou arrabalde) e de características de equipamentos e infra-estruturas urbanas (igrejas, mercado, ruas pavimentadas, transportes públicos). (BITOUN, 2000. p. 44)

Os bairros e subúrbios do Recife, irradiaram-se em várias direções, segundo Mário Lacerda de Melo em “Paisagem do Nordeste em Pernambuco e Paraíba” (manter padrão nos nomes dos livros) (1958), cinco direções são definidas:

Para oeste, o rio Capibaribe governou o principal esgalhamento da cidade, localizando-se nos dois lados da corrente e mais ampla sucessão de bairros e subúrbios. Na margem esquerda: Boa vista, Graças, Aflitos, Casa Amarela, Casa Forte, Apipucos e Dois Irmãos. Na margem direita: Madalena, Torre, Iputinga, Caxangá e Várzea. Uma cadeia de bairros e subúrbios, com direção noroeste, segue-se em demanda do rio Beberibe: Espinheiro, Encruzilhada, Água Fria e Beberibe. Uma terceira dirige-se para o sudoeste por onde corre os riachos Jiquiá e Tejipió: Afogados, Jiquiá, Areias e Tejipió. No rumo norte, mais ou menos paralela à costa e dela separada pelo último trecho do baixo Beberibe, situa-se a quarta

sucessão de áreas urbanas e suburbanas: Santo Amaro, Campo Grande, Peixinhos, Tacaruna até Olinda.[...].(MELO, 1958)

Outras ocupações na cidade deram-se nos morros do Recife, vieram não só dos moradores dos mocambos, como também do grande fluxo migratório da zona rural do interior do Estado e de outras partes do Nordeste, a partir dos anos quarenta do século XX, que se estendiam desde o bairro de Cajueiro, seguindo pelas elevações de Casa Amarela, Dois Irmãos, Macaxeira, Tejipló, Ibura até o Jordão.

A paisagem do entorno recifense segundo relatos de Josué de Castro (1954, p. 136) em seu “Ensaio de Geografia Urbana”, relata os engenhos como centros autônomos, com esplendor e relativo conforto, onde eram compostos de numerosa população desempenhando várias atividades culturais, sendo verdadeiras zonas de riqueza e de prosperidade, que crescendo e se unindo uns aos outros em pequenos núcleos povoados se ligavam a cidade através dos cursos d água.

Assim, Castro descreve a função dos engenhos na paisagem e na definição dos bairros recifenses, tais como:

(...) Foram os engenhos os germes desses centros ganglionares de crescimento, atraídos pela força absorvente da cidade-porto, ou melhor, da direção imposta pelo porto, não se pode ter nenhuma dúvida quando se põe em confronto qualquer mapa antigo da região com a localização dos engenhos e qualquer mapa atual da cidade com seus diferentes bairros, trazendo até hoje as denominações dos primitivos engenhos (...). (CASTRO, 1954: Op. Cit., p.145).

Grandes propriedades sendo transformadas em sítios e chácaras (arrabaldes), pela decadência da economia dos engenhos e a instalação de usinas nos locais mais distantes, geram uma distinta configuração na paisagem de alguns bairros do Recife. É dessa forma que acontece a transformação do rural em urbano.

Tratar do fenômeno urbano é sempre um desafio, segundo Santos (1981) é o conjunto de aspectos materiais que fazem da cidade elemento de inovação e difusão, onde pode ser vista como centro de inovação que materializam diferentes comportamentos, novos modos de vida condicionantes e viabilizadores do lugar. Apresentando-se, ao mesmo tempo, como entidade

concreta e como organismo vivo, resultante de dados do presente e do passado, seja ele recente ou mais antigo.

A relação estabelecida entre a troca de sujeito e objeto, se refere às transformações do espaço em lugar que para Veras (1996) é uma das formas de representação da materialização do Espaço.

[...] A Paisagem como espaço concreto, quando apropriado intelectualmente pela consciência, passa à categoria de Lugar. Todo Lugar é também Paisagem ou Paisagens, em diferentes escalas, mas, nem todas as Paisagens são, necessariamente, Lugares. [...] (VERAS, 1996. p. 50)

Constituir um lugar é um processo coletivo, que não há imposições ou planejamento. Sendo o Lugar produto social, de interação, troca e simbiose com o sujeito observador, construído e constituído em um movimento contínuo de produção da paisagem, relacionando elementos naturais e culturais na organização, manifestando-se intencionalmente da consciência, se expressa através de configurações simbólicas e materializa sonhos expostos internamente à consciência, ainda acrescenta Veras (1996, p. 53), que o Lugar como objeto de análise está relacionado com a paisagem, sendo paisagem e lugar utilizados como recortes espaciais complementares, havendo uma hierarquia na estrutura do espaço, tanto de modo que refletem sua estrutura territorial, como a forma que ambos se confrontam.

Para observar esses recortes espaciais e entender o *lócus* onde se desenvolvem os conflitos. Lefebvre (1975, p. 199) identifica que para chegar ao bairro, para defini-lo determinando seu limite, seu grau de realidade, é o que se baseia na cidade como totalidade, embora já analisado o contexto da cidade anteriormente nesse estudo, passar-se-á por observar e descrever as especificidades que caracterizam o bairro nesse caso Tejipió, tendo uma importância do ponto de vista histórico na cidade e seu “lento” crescimento e expansão urbana. Primariamente se faz necessário referenciar o conceito de bairro, reportando a um recorte temporal mais antigo para melhor entendê-lo.

Conforme a maioria dos dicionários, a definição de bairro aparece como divisão territorial de uma cidade, com referência ao latim “barrium” ou do árabe “barri”, onde quer dizer: de fora, separado, exterior. Aproxima-se de “arraial” (pequeno povoado rural), ainda utilizado em algumas cidades em Minas Gerais

no Sudeste brasileiro, essa definição trazida do Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa descreve o bairro da seguinte forma:

BAIRRO –1.Cada uma das partes em que se divide uma cidade. 2.Cada uma das divisões administrativas dos Concelhos de Lisboa e Porto, presedida por um administrador de bairro, com atribuições idênticas aos administradores de Concelho nas outras terras do país. 3.Em geral, uma porção de território de qualquer povoação. 4.Do lat. “barrium”, ou do ár. “barri”(de fora, exterior). (Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, 1948. v. 1.).

Em Portugal, a definição de bairro está vinculada ao lugar de freguesia de Lisboa e do Porto. Assim várias freguesias formam um bairro, formando uma região político-administrativa, de forma a serem maiores que a delimitação estabelecida no Brasil, como aborda Sousa (1989). No caso de Lisboa, está subdividida em quatro grandes bairros que abrange quarenta e três freguesias⁵. Os bairros servem para funções administrativa e para controle da Câmara municipal de Lisboa⁶, que mantém essa divisão até os dias atuais.

Lefebvre (1975, p.195/200), descreve bairro como a unidade sociológica relativa, subordinada, que não define a realidade social, mas que é necessária. “Sem bairros, igual que sem ruas, pode haver aglomeração, tecido urbano, megalópole, mas não há cidade”. Diante da concepção sociológica, analisa o bairro a partir da cidade em sua totalidade, não recomendando a análise do bairro como unidade isolada e independente, em razão dele não seria a essência urbana, sendo uma organização mais conjutural do que estrutural.

Ainda analisando a concepção de bairro segundo Lefebvre (1975, p. 201/202), o bairro é concebido não apenas como uma realidade essencial, mas como portador de um grau de realidade, sendo compreendido em três níveis sociológicos da existência e do pensamento: o primeiro nível retrata o bairro como uma simples sobrevivência, o peso de sua história está vinculado a resquícios da própria cidade; o segundo nível, a unidade sociológica relativa, subordinada, onde não é definido a realidade social mesmo que seja necessária; por fim, o terceiro nível, sendo o maior dos pequenos grupos sociais e o menor entre os grandes grupos, no qual as relações interpessoais são duradouras e profundas. Fruto do cotidiano e em parte da sociedade e seu

⁵ As freguesias são equivalente ao bairro nas cidades brasileiras, sendo as freguesias unidade sem autonomia e o bairro é equivalente as RPA's no Recife, tendo uma conotação político-administrativa.

⁶ Câmara Municipal de Lisboa – referente a Prefeitura Municipal no Brasil.

conjunto, oriundo da proximidade espacial, vivida de forma imediata ou transferida ao longo do tempo.

É comum destacar que nesse contexto a noção de bairro está relacionada ao conceito de lugar, sendo esse lugar particular de cada indivíduo, onde é possível se reconhecer nos monumentos de uma cultura, o modo de ser de uma sociedade, partindo dessa compreensão pode-se afirmar que o bairro facilita a análise do espaço urbano, para entender não apenas a concepção de um espaço físico delimitado, mas as suas especificidades presentes na sua história e materializada na vivência cotidiana, nas suas formas e funções no modelado da paisagem urbana.

Especificidades de Tejiopó no Recife e as transformações da dinâmica urbana no bairro.

Costa (1981) descreve Tejiopó sendo de início uma grande propriedade rural, à margem esquerda do rio de mesmo nome, onde havia o Engenho de Sebastião Bezerra que utilizava o curso de água para o transporte da produção de açúcar. Quando o engenho deixou de existir, em 1645, foi construída uma casa de vivenda para a habitação de João Fernandes Vieira arrabalde. Posteriormente, suas ruínas foram aproveitadas para obra de construção da Capela de Nossa Senhora do Rosário, às margens do caminho que liga o bairro de Afogados as cidades de Jaboatão e Vitória de Santo Antão. Em 1674 no seu testamento João Fernandes Vieira, descreve essa propriedade como, junto e diante do Engenho São Francisco da Várzea, indo para Nossa Senhora da Luz com extensão de meia légua quadrada, onde consta também o sítio de Cavaleiro situado no município de Jaboatão dos Guararapes, com muitas subdivisões em pequenos tratos territoriais, cujo o qual teve início o povoamento da região.

O então povoado tem sua Capela como o ponto de destaque, assim o laço de estrada que desenvolveu-se na frente da Capela, tem nesse momento uma intencionalidade lógica, sobretudo, para atender melhor os moradores do entorno que antes se deslocavam para Afogados, quando necessitavam assistir uma cerimônia religiosa que ocorria na Igreja de Nossa Senhora da Paz, segundo dados levantados por Cavalcanti (1981).

Esse povoado se transforma em vila e depois em bairro, comum a muitos dos atuais bairros da cidade do Recife. Eram ligados ao centro através de caminhos, eixos rodoviários com muita importância na história e de grande contribuição para a população, e sobretudo para os produtores de açúcar dos engenhos,

No século XVIII, o aterro dos afogados agiliza a comunicação e o nascente povoado incorpora-se à cidade e ao seu desenvolvimento urbano, tendo como estímulo a ocupação das terras pertencentes ao Engenho Peres. O desenvolvimento urbano do distrito se processa lentamente, os bairros organizam-se em função da regularidade de seus raios de abrangência, e assim, Coqueiral, Sancho, Pacheco, Barro e Totó, assumem pouco a pouco a fisionomia ascendente da cidade (Perfil Municipal – histórico e evolução urbana. Recife: 1989. p.159\160).

Com o desenvolvimento do povoado de Tejipió, houve a expansão do processo de urbanização no início dos anos quarenta do século passado, para as terras que pertenciam a João Ribeiro Sanches, hoje essas terras correspondem ao bairro do Sancho, que Napoleão Barroso em “Recife e seus Bairros” de Cavalcanti (1998) descreve como “(...) de terras elevadas, clima salubre, onde casas confortáveis, foram construída sem grandes sítios como as do Vilachan, Colaço Leite, Pessoa, Gibson e outros.(...).” (Op. Cit., p.163).

Esta fração do bairro, foi inicialmente ocupada como segunda residência por essas famílias citadas por Napoleão Barroso, mas também houve a massificação dos sítios por algumas pessoas oriundas das zonas rurais, que resolveram instalar-se em áreas vizinhas de difícil acesso, na qual atualmente está delimitada pelo bairro de Coqueiral, relata Cavalcanti (1998).

A população dos bairros que compreende a microrregião 5.3, de acordo com o Atlas de Desenvolvimento Humano no Recife de 2005, houve um considerável aumento populacional. Em 1991 o total da população residente era de 94.407 habitantes, tendo um aumento para 105.212 habitantes em 2000. A microrregião 5.3 é a mais populosa da RPA5, área em que está inserido o bairro analisado nesse estudo. Em 1991 e 2000, a microrregião 5.3 apresenta o maior índice populacional da RPA5, estando em 1991 com 40% do total da população residente nesta RPA e em 2000 com 43% desse total. Os bairros da Microrregião 5.3, apresentam uma população residente distribuída como pode ser visto na tabela:

Bairros da Microrregião 5.3 da RPA5

BAIRROS DA RPA5 MICRORREGIÃO 5.3	POPULAÇÃO TOTAL 1991 (Hab)	POPULAÇÃO TOTAL 2000 (Hab)
Barro	22.575	31.111
Coqueiral	13.360	11.092
Curado	11.867	13.481
Jardim São Paulo	28.875	29.614
Sancho	7.507	9.163
Tejipió	7.803	8.486
Totó	2.420	2.265
Microrregiao 5.3	94.407	105.212
Recife	1.310.259	1.422.905

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife, 2005.

Os bairros do Barro, Curado, Jardim São Paulo, Sancho e Tejipió, apresentaram um aumento da população nos censos de 1991 para 2000, e os bairros de Coqueiral e Totó uma redução no mesmo período. O aumento populacional observado nesses bairros é um reflexo de uma combinação, da alta taxa de natalidade, redução da mortalidade e da diminuição do êxodo rural. Comum nas décadas de 60 e 70 do século XX, indica o Atlas Ambiental da Cidade do Recife (2000).

Outro ponto a ser levado em consideração no aumento da população residente, refere-se a infra-estrutura, tanto do ponto de vista econômico, quanto social, nos quais os sistemas de transporte, energia e saneamento proporcionam grandes redes que tornam as atividades econômicas viáveis. Os sistemas de saúde, educação e esporte, estão tendo avanços em termos de investimentos na área, através de iniciativa pública e de empresas privadas, tornando essa área ainda mais atrativa para novos investimentos do setor imobiliário. Sendo essenciais para o bom andamento das atividades econômicas e sociais nesses bairros, quando analisadas sob o aspecto do setor imobiliário formal, observa-se que de certa forma está se valorizando por dispor de recursos de alto valor no mercado atual, tais como áreas arborizadas e de concentração de manchas verdes, vários eixos de integrações importantes

na cidade como a linha centro do metrô do Recife, a Avenida José Rufino e a Avenida Liberdade.

Em Tejipló a distribuição de serviços torna-se pouco desenvolvida, devido a proximidade com alguns centros de abastecimentos (CEAGEPE - Centro de abastecimento de gêneros alimentícios de Pernambuco, em Jardim São Paulo no Recife e o Centro Comercial de Cavaleiro em Jaboatão dos Guararapes). Por não ter desenvolvido uma rede de serviços satisfatória no bairro, de certa forma condicionou também os bairros mais recentes em sua vizinhança como Sancho, Totó e Coqueiral, que utilizam os mesmos centros de abastecimento em Jardim São Paulo e Cavaleiro, dando uma característica mais residencial a área.

Os caminhos de ferro, também tiveram e tem até hoje, importância neste lugar. Eram através dessas estradas de ferro que, na década de oitenta do século XX, transportavam passageiros nos trechos Jaboatão – Recife e São Lourenço da Mata – Recife, utilizando locomotivas diesel, como explica o Projeto do Metropolitano do Recife da EBTU⁷ em 1985.

Diante da necessidade da criação de um órgão que se responsabilizasse pela etapa de implementação do Metropolitano do Recife, o Ministério dos Transportes determinou que a EBTU e a RFFSA se consorciassem, com o objetivo de construir e explorar o serviço. Desta forma, em 09\09\82, foi criado o METROREC – Consórcio do Trem Metropolitano do Recife, através do contrato EBTU nº 140\82. (Op. Cit., p.23).

Entretanto, coube a EBTU a responsabilidade dos recursos financeiros para executar as atividades e, para RFFSA⁸ o uso e administração do METROREC⁹, além da implantação das edificações, equipamentos e do controle de pessoal para o cumprimento das atividades. Embora o contrato de implantação das obras físicas do metrô, indicava o início das atividades para o dia 01\01\1983, o METROREC deparou-se com algumas dificuldades que poderiam adiar a data de início da operacionalidade. Esses problemas eram, sobretudo, desapropriações e a paralisação do sistema de subúrbio das locomotivas diesel. Com a chegada desse equipamento, o entorno sobrevivente as desapropriações, houve a possibilidade de algumas ruas

⁷ EBTU – Empresa Brasileira dos Transportes Urbanos.

⁸ RFFSA – Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima.

⁹ METROREC – Metrô do Recife.

serem pavimentadas, paralelamente a construção das estações, como também houve um aparecimento dos primeiros conjuntos residenciais próximos a construção da Estação Tejipló, datado de 1982, período que iniciaram as obras.

Segundo dados do relatório do Metrô do Recife (1985), a ocupação imediata em frente a estação Tejipló apresenta níveis de adensamento rarefeito a medida que se aproxima das Avenidas Aprígio Guimarães e Liberdade. O viaduto da Rua do Sancho, foi planejado para manter a ligação entre esses dois eixos de integração antes explorada, e fundamental sob o ponto de vista de assegurar o acesso e estender os limites de influência da estação. De certo modo, apesar das mudanças e transformações ocorridas ao longo do tempo, o bairro atualmente representa um lugar de percepção das relações interpessoais e das relações que seus habitantes têm com esse espaço.

Com grandes áreas e muitas fruteiras, os sítios que outrora massificavam a paisagem do bairro, com o crescimento urbano e o processo de modernização no Recife a partir do século XX, foram dando lugar a outras edificações mais modestas, que passaram a ocupar as terras elevadas e bastante movimentadas de Tejipló. Com o passar do tempo, algumas transformações se fazem necessárias a nova realidade do bairro, a chegada de novos equipamentos urbanos modificam a vida cotidiana no bairro e de seus moradores. Na Rua Falcão de Lacerda, alguns casarões conseguem manter viva essa identidade, aparentemente, do lento processo da evolução urbana no bairro.

Carlos (1996), em sua obra “O lugar no Mundo”, exemplifica essas relações cotidianas:

(...) As relações de vizinhança, o ir às compras, o caminhar pelas ruas, o encontro dos conhecidos, o jogo de bola, as brincadeiras, o percurso reconhecido de uma prática vivida/reconhecida em pequenos atos corriqueiros e aparentemente sem sentido que criam laços profundos de identidade (...).

Essa prática das relações interpessoais ainda presente no bairro, isso enquanto não intensificam as mudanças topológicas geradas pelo mercado imobiliário formal, que a cada dia consolida-se na área. A escolha de um lugar como moradia está diretamente implicado e atribuído a um lugar vivido, apesar

de alguns pontos não atrativos identificados na área, como o desenvolvimento das atividades comerciais no bairro. Entretanto, a existência de um forte sentimento de vizinhança é a resistência de aspectos comuns em pessoas que conservam o encanto do lugar, faz surgir no cotidiano as relações estreitas que possibilitam o encontro, os velhos hábitos, como se nada houvesse mudado.

É possível conceituar como “recente” o processo de adensamento populacional do bairro de Tejipió e do seu entorno, mas com algumas transformações marcantes na segunda metade do século XX. No entanto essas transformações no espaço urbano e os recentes investimentos em equipamentos residenciais diferencia Tejipió de outras zonas periféricas do Recife.

Conclusões

Essas reflexões levam a concluir que, quando se trata de analisar as transformações e a dinâmica urbana, é necessário ir além do motor da economia. No entanto a economia aborda de forma generalizada, não dispondo de suporte que responda outros condicionantes que também dão função ao espaço vivido, tais como as relações interpessoais. Tendo como ponto de partida um foco maior no indivíduo, não o indivíduo isoladamente, mas suas relações e suas atribuições no tempo e espaço, fator condicionante das transformações geradas e mutualmente absorvida ao lugar.

No decorrer da evolução do bairro, as características rurais foram ao longo do século passado se transformando em urbana. Na qual a contribuição é observada no crescimento da população e da perda das formas dos antigos arrabaldes, através de alguns equipamentos sociais, que deram forma singular aquele lugar.

Atualmente é observado que a população que antes migrava para outros pontos da cidade, tem regressado para o bairro. O aparecimento de novos tipos de moradias antes não vista na área, com preocupações com o meio ambiente, no que se refere a conservação das áreas verdes, tem se mostrado cada vez mais comum em Tejipió, sendo dedicada a compradores que mantém laços fortes com o bairro.

A facilidade de acesso ao centro do Recife e com eixo que liga ao interior do Estado pela BR - 232, a proximidade com áreas de conservação da

vegetação de mata e o aparecimento de habitações destinadas a classe média, faz desse um lugar, atraente para residir e para investimentos de diferentes finalidades, como saúde, segurança e educação.

Estratégico e com clima agradável, Tejipió e seu arredores, vêm transformando a concepção do subúrbio no Recife. O que antes era visto como um “amontoado” de moradias precárias das populações dos mocambos e das pessoas que vinham do interior para o centro da cidade em busca de melhores condições de vida, hoje já pode ser visto, diferentemente, como Lugar que proporciona as relações interpessoal e mantém a qualidade de vida de seus moradores. Cujas as transformações geradas ao longo do século passado, não romperam essa essência, e os equipamentos que se instalaram no bairro, muitos vieram a contribuir nesse aspecto.

Bibliografia

ABRAMO, Pedro. In TUSSIE, Diana. AGOSIN, Manuel. Globalização, Regionalização e Novos Dilemas da Política Comercial Para o Desenvolvimento. **Revista Brasileira de Comércio Exterior** - A Regulação Urbana e o Regime Urbano: A estrutura Urbana, Sua Reprodutibilidade e o Capital. Ensaios FEE. Rio De Janeiro, 1993. p. 510-555.

ANDRADE, Manuel Correa de. **Recife**: Problemática de uma Metrópole em Região Subdesenvolvida. Recife: UFPE, 1979.

_____. Formação de Aglomerados Recifenses. In: JATOBÁ, Lucivânio (Org.). **Estudos Nordestinos Sobre Crescimento Urbano**. Recife: FUNDAJ, 1987. p. 257-292.

ATLAS Ambiental da Cidade do Recife. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, 2000.

ATLAS do desenvolvimento Humano no Recife. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, 2005.

ATLAS do Índice de Desenvolvimento Humano no Brasil. Brasília: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2000.

BALTAR, Antônio Bezerra, **Diretrizes de um Plano Regional para o Recife**. 2. ed. UFPE. Recife, 2000.

BITOUN, Jan. Territórios do Diálogo: palavras da cidade e desafios da gestão participativa do Recife (Brasil). In: **Revista de Geografia**. Vol. 16, n. 2, jan/dez. 2000. Recife: UFPE/CFCH/DCG/NAPA, 2000. p. 41-54.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 4 ed. Contexto (repensando a geografia). São Paulo, 1999.

_____. **O lugar no/do Mundo**. Ed.Hucitec. São Paulo, 1996.

CASTRO, Josué de. **A Cidade do Recife. Ensaio de Geografia Urbana**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1954.

CAVALCANTI, Carlos Bezerra. **O Recife e Seus Bairros**. Recife: Câmara municipal do Recife. 1998.

CAVALCANTI, Carlos Bezerra. **Recife e suas ruas: se essas ruas fossem minhas**. ed. edificantes. Recife, 1949. p. 124-125.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Arredores do Recife**. Fundação de Cultura Cidade do Recife, Recife. 1981. p.127-128.

EBTU – Empresa Brasileira dos Transportes Urbanos. **Projeto do Metropolitano do Recife**. Brasília, 1985.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: 7º ed. Ed. Loyola, 1998.

LEFEVBRE, Henry . **O Direito à Cidade** . São Paulo: Moraes Ltda, 1991.

_____. **De lo Rural a lo Urbano**. 3. Ed. Barcelona: Península, 1975.

LINS, Rachel Caldas. Alguns Aspectos Originais do Sítio Urbano do Recife. In: JATOBÁ, Lucivânio (Org.). **Estudos Nordestinos Sobre Crescimento Urbano**. Recife: FUNDAJ, 1987. p. 343-352.

MELO, Mário Lacerda de. **Paisagens do Nordeste em Pernambuco e Paraíba** – Guia de Excursão. n. 7, realizada por ocasião do XVIII Congresso Internacional de Geografia. Rio de Janeiro: CNG, 1958.

_____. **Recife Metropolização e Subdesenvolvimento, O caso do Recife**. ed Universitária. Recife, 1978.

METROREC\ Ministério dos Transportes\ Companhia Brasileira de Trens Urbanos. **Metrô do Recife: Integração dos Transportes e Uso do Solo**. V. 1. Recife, 1985.

SANTOS, Milton. **Manual de Geografia Urbana**. São Paulo, Hucitec, 1981.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O bairro Contemporâneo: ensaio de abordagem política. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, n. 51, p. 139-172. 1989.

VERAS, Lucia M^a de Siqueira Cavalcanti. **De Apé-Puc a Apipucos:** numa encruzilhada, a construção e permanência de um lugar urbano. Recife: UFPE, 1996.